A recepção de Elisée Reclus na Itália e na América do Sul por Luigi e Luce Fabbri (1903-2000)

Troca cultural e circulação do saber geográfico

Cultural transfer and circulation of geographical knowledge: the Elisée Reclus' reception in Italy and South America by Luigi and Luce Fabbri (1903-2000)

Transferencia cultural y circulación de los saberes geográficos: la recepción de Elisée Reclus en la Italia y en la América del Sur por Luigi e Luce Fabbri (1903-2000)

Transfert culturel et circulation des savoirs géographiques : la réception d'Elisée Reclus en Italie et en Amérique du Sud par Luigi et Luce Fabbri (1903-2000)

Federico Ferretti

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1413>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1413

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Federico Ferretti, «Troca cultural e circulação do saber geográfico», *Terra Brasilis* [Online], 5 | 2015, posto online no dia 17 dezembro 2015, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1413> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1413>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

A recepção de Elisée Reclus na Itália e na América do Sul por Luigi e Luce Fabbri (1903-2000)

Troca cultural e circulação do saber geográfico

Cultural transfer and circulation of geographical knowledge: the Elisée Reclus' reception in Italy and South America by Luigi and Luce Fabbri (1903-2000)

Transferencia cultural y circulación de los saberes geográficos: la recepción de Elisée Reclus en la Italia y en la América del Sur por Luigi e Luce Fabbri (1903-2000)

Transfert culturel et circulation des savoirs géographiques : la réception d'Elisée Reclus en Italie et en Amérique du Sud par Luigi et Luce Fabbri (1903-2000)

Federico Ferretti

Introdução

- 1 A intelectual ítalo-uruguaia Luce Fabbri (1908-2000), filha do célebre anarquista e intelectual italiano Luigi Fabbri (1877-1935) refugiado em Montevideo com a família depois do estabelecimento da ditadura fascista na Itália, foi uma importante e refinada leitora do geógrafo anarquista francês Elisée Reclus (1830-1905). O pai dela, redator da revista *Il Pensiero*, foi um dos primeiros tradutores para italiano dos escritos de Reclus, principalmente artigos e panfletos sobre a geografia social e a relação entre ciência e anarquismo.
- 2 Inspirada por Luigi, Luce ficou apaixonada desde a infância pelas leituras de Reclus. Em 1928, à idade de só vinte anos, ela foi a única pessoa na Itália toda que teve a coragem de falar de anarquismo na Academia no meio da ditadura, defendendo na Universidade de Bolonha uma dissertação¹ sobre o pensamento geográfico de Reclus, orientada pelo filósofo Rodolfo Mondolfo, que lhe valeu nota máxima e o apelido de “senhorita

comunista” dado pelo reitor, mesmo porque Luce foi a única candidata que recusou fazer a saudação fascista perante a banca examinadora.

- 3 Nos arquivos do Instituto Internacional de Historia Social de Amsterdão, onde se encontra uma grande parte dos arquivos de Luce e Luigi Fabbri, encontramos também o exemplar original dessa dissertação de Luce, um texto datilografado de 132 páginas, ainda inédito, intitulado *L'opera geografica di Eliseo Reclus*. Esse texto será nossa primeira fonte, junto das correspondências de Luigi e Luce e das numerosas publicações precedentes e sucessivas de Luce e Luigi, exilados antifascistas e moradores do Cone Sul desde 1929.
- 4 Meu ponto principal é que Luigi e Luce foram interpretes privilegiados da geografia e do pensamento político de Reclus graças às redes anarquistas internacionais e multilingues que lhes permitiram de ter acesso direito as textos de Reclus e à literatura secundária mais qualificada do momento, como os trabalhos de Max Nettlau e Joseph Ishill, amigos e correspondentes deles naquele momento. Pai e filha forneceram uma leitura original de Reclus que contribuiu de maneira decisiva à recepção dele na Itália e na América do Sul. Nesse sentido, esse texto pretende ser uma contribuição à literatura recente, no âmbito do *Transnational Turn*, que considera o anarquismo como um movimento transnacional por sua natureza mesma, bem além do euro-centrismo de outras componentes do movimento operário europeu (Anderson, 2007; Hirsch e Van Der Walt, 2010; Bantman e Altena, 2015). Vários autores acreditam que os militantes de origem italiana jogaram um papel primário na circulação transnacional das ideias anarquistas, pois eles circularam mais que outros em todos os países do mundo como exilados políticos, migrantes econômicos ou propagandistas internacionalistas conscientes (Di Paola, 2013; Turcato, 2007).
- 5 Esse artigo encadeia-se também no âmbito dos estudos sobre a circulação internacional dos saberes e os efeitos dos lugares e dos biografias dos atores sobre as revoluções políticas e científicas (Livingstone, 2003; Livingstone e Withers, 2005; Withers, 2007), assumindo que a passagem da geografia reclusiana entre diferentes âmbitos geográficos implicou adaptações que contribuíram, no caso de Luce a construir uma específica imagem da militância e do intelectual engajado. Meu ponto aqui é que o trânsito de Reclus pela cultura italiana foi fundamental por sua recepção mais humanista e voluntarista que naturalista na Itália e na América Latina depois, graças também a formação política, histórica e literária da família Fabbri, que vou explicar.
- 6 Finalmente, esse artigo pretende ser também uma contribuição ao estudo das relações entre geografia e anarquismo, que uma literatura recente acredita ser pensamentos que partilham vários aspectos na história e na epistemologia deles, como a ideia de modificação da sociedade pelo saber (Springer, 2012 e 2013; Springer S, Barker A, Brown G, Ince A, Pickerill J, 2012; Pelletier, 2013; Ferretti, 2014a; Lopes de Souza, 2014). Também entendo contribuir à historiografia biográfica sobre Luigi e Luce Fabbri, que já compreende preciosos trabalhos em italiano, francês e português (Fabbri, 1996; Antonioli e Giulianelli, 2006; Manfredonia, 1994; Rago, 2000a).
- 7 Baseando-me em fontes primárias e na literatura crítica citada, na primeira parte do artigo vou analisar a transferência italiana de Reclus pela família Fabbri. Na segunda parte, examino a tese inédita de Luce Fabbri e sua aventureira construção. Na terceira parte, lido com o trabalho de produção cultural anarquista no Cone Sul de Luce e Luigi. A extensão cronológica do artigo, cobrindo todo o século Vinte, vai desde o começo das publicações da revista *Il Pensiero* em 1903, até o falecimento de Luce em 2000.

Elisée Reclus na Itália

- 8 Na história do anarquismo, o rumo social e construtor do mais celebre dos anarquistas italianos, Errico Malatesta (1853-1932) se distingue por seu voluntarismo do comunismo anarquista mais tradicional de Pëtr Kropotkin e Elisée Reclus, que pauta as esperanças de uma transformação social na evolução (Reclus, 1891) e ativa-se principalmente na educação popular. Malatesta não nega a importância da educação e não desmente o princípio evolutivo, mas defende com força a necessidade da organização anarquista pela construção de relações sociais libertárias e para preparar ativamente a revolução (Berti, 2003). Luigi Fabbri conhece o grande revolucionário em 1897 enquanto esse ultimo, de volta clandestinamente na Itália, encontra-se escondido na casa de Cesare Agostinelli em Ancona, perto de Fabriano, a aldeia de origem de Luigi. O jovem neófito têm então vinte anos e está tão compenetrado de leituras teóricas que Malatesta, apresentando-se, chama-lê afetuosamente “nosso harmonista” (Fabbri, 1996, p. 34)
- 9 Fabbri, protagonista eminente do movimento anarquista italiano do século vinte e considerado algo como um herdeiro espiritual de Malatesta, sempre trabalhará a uma síntese entre o pensamento kropotkiniano-reclusiano e o rumo malatestiano. Isto é evidente na experiência da revista *Il Pensiero*, que Fabbri edita em Roma desde 1903 até 1911, um periódico que os historiadores consideram como “a maior e a mais prestigiosa revista anarquista italiana de aqueles anos” (Cerrito, 1977, p. 53)
- 10 Quando comparece *Il Pensiero*, Reclus já tinha varias traduções italianas desde 1884, incluído uma edição integral da *Nova Geografia universal* organizada por Attilio Brunialti (Ferretti, 2009), traduções dos celebres livros *Historia de um riacho* e *Historia de uma montanha* (Ferretti, 2012) e varias edições de sua principal obra política, *A evolução, a revolução e o ideal anarquista* (Reclus, 1891). No entanto Fabbri, através de *Il Pensiero*, é o primeiro que tenta uma serie de traduções sistemáticas de textos de Reclus para finalidades de propaganda e educação, em paralelo com um outro admirador italiano do geógrafo anarquista, Luigi Molinari, editor em Milão da *Università Popolare*, correspondente e amigo de Fabbri.²

Fig. 1: Carta de Luigi Molinari para Luigi Fabbri

IISH, Luigi Fabbri papers, 128, 4 Janeiro 1912.

- 11 Entre 1903 e 1912, Fabbri publica em italiano pelo menos 27 artigos e brochuras de Elisée Reclus, mais uma necrologia, alguns artigos de comento e também alguns textos do irmão de Elisée, Elie Reclus (1827-1903). Consoante Massimo Ortalli, Fabbri traduz de novo *Evolução e Revolução*, “já traduzido por Giovanni Domanico, mas evidentemente de maneira não satisfatória por Fabbri, que vai fazer ele mesmo uma tradução nova” (Ortalli 2006, p. 166).
- 12 Domanico não era um personagem muito popular entre os anarquistas, mesmo porque era suspeito de ser um informador da polícia (Antonioli, Berti, Fedele, Iuso, *ad nomen*), mas além disso é importante destacar que a atenção de Fabbri à qualidade das traduções não deve-se entender como uma meticulosidade filológico, mas como a sinal que tais traduções eram apostas importantes para o trabalho político dele. Sua revista é publicada em anos onde Fabbri é o centro das tentativas de organizar o movimento anarquista após o período da crise da primeira internacional, caracterizado pelas influências individualistas no movimento (Fabbri 1998; Cerrito 1977), e os textos de Reclus, então um dos anarquistas internacionais mais prestigiosos, refletem as preocupações do dia. É o caso do artigo “Sobre as polémicas entre os companheiros” que Fabbri traduz na ocasião do Congresso Anarquista de Roma de 1907, cuja urgente finalidade é construir uma união de libertários que supere as divisões no movimento; isso portará finalmente à constituição da primeira federação anarquista regional no Lácio (Cerrito, 1977). O artigo de Reclus apresenta-se efetivamente em tom “ecumênico”, solicitando a tolerância recíproca entre anarquistas atuantes em diferentes campos da luta social. “Nenhuma diatribe raivosa: escutem os argumentos de seus adversários; expõem, entre os seus, aqueles que lhes parecem sérios, e pelo demais se silenciem e refletem” (Reclus, 1907, p. 182). É também o caso do artigo “Relação ao congresso internacional da Federação do Jura em Friburgo (3-5 agosto 1878)” (Reclus, 1910) porque as federações regionais da Internacional anti-autoritária (Guillaume 1905-1910), a italiana, a jurassiana, etc., eram consideradas então como os exemplos para a futura federação dos anarquistas. Trata-se de uma mobilização do passado para finalidades do presente e em função do futuro, um rumo típico dos ‘regimes de historicidade’ (Hartog, 2003) daquela época.
- 13 Do ponto de vista político fica clara a intenção de Fabbri de reivindicar a descendência reclusiana por seu campo, mesmo em contraposição com outras tendências, como o marxismo ou o individualismo. ‘Reclus estabeleceu as sólidas bases da ideia socialista anarquista. Junto com Pedro Kropotkin e Carlo Cafiero, ele deu ao anarquismo uma base científica e racional major que nas obras do comum mestre deles, Mikhail Bakunin. Eles foram os primeiros teóricos da tendência revolucionária e comunista, igualmente distantes do comunismo autoritário de Carl Marx et do individualismo de Max Stirner’ (Fabbri, 1905, p. 212).
- 14 Reclus é já um clássico, e quando Fabbri começa suas atividades o celebre geógrafo já tem idade e está idoso; mas uma carta dele, enviada de Bruxelas de 1904, eis um ano prima da sua morte, demonstra que existiu uma correspondência entre os dois e que o velho militante apreciou muito a revista *Il Pensiero*: “Recebo muito regularmente *Il Pensiero* que você me envia tão gentilmente; destaco com qual cuidado está redigido, e lhe agradeço disso em nome de nossas ideias comuns.”³

Fig. 2: Carta de Reclus para Luigi Fabbri

IISH, Luigi Fabbri Papers, 144, 6 Junho 1904. Só a assinatura é do punho de Reclus pois o geógrafo anarquista, nos últimos anos de vida, dita amiúde suas cartas quando está demasiado doente para escrever.

- 15 Do outro lado Fabbri, que demonstra aqui de ter um conhecimento muito aprofundado da obra reclusiana, apresenta ao público de língua italiana vários aspetos da produção científica de Reclus que ele acredita úteis no âmbito da emancipação pelo saber. E' o caso, em 1905, das primeiras páginas do *Homem e a Terra* e do artigo sobre a "Proposta da abolição da era cristã" (Reclus, 1905); trata-se de assuntos inseridos nos moldes racionais da ciência evolucionista, que os geógrafos anarquistas utilizavam como base concetual para a construção de um saber não dogmático e oposto as crenças religiosas (Ferretti, 2014a).
- 16 Desde os anos da redação de *Il Pensiero*, Fabbri tem ao menos uma outra relação significativa com um geógrafo, nomeadamente sua longa correspondência com Arcangelo Ghisleri (1855-1932), representante da esquerda republicana então próxima dos anarquistas, federalista anticlerical e geógrafo anti-conformista e anti-colonialista igualmente em relação com Reclus (Casti e Mangini, 2007). Consoante Giorgio Mangini, entre os pontos comuns entre os dois homens havia o trabalho comum no jornalismo cultural e militante, que favorecia a troca intelectual, e um envolvimento comum na organização do congresso internacional da associação do Livre Pensamento em Roma em 1904. Aqui, Fabbri e Ghisleri tentam de propor momentos de colaboração entre republicanos e anarquistas, mesmo se concordam que "existem mais afinidades entre nós que entre muitos de nossos próximos respetivos" (Mangini, 2006, p. 71). Os meios dos livres pensadores foram sempre frequentados pelos anarquistas, inclusive Reclus, e naqueles anos esses enlances se reforçaram na ocasião da campanha internacional de solidariedade com Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), o educador libertário, amigo

de Reclus e correspondente de Fabbri,⁴ encarcerado e depois assassinado ilegalmente pelo estado espanhol, o que faz dele o mártir internacional do livre pensamento (Wagnon, 2013). A colaboração entre Fabbri e Ghisleri destaca também a importância da geografia pelos movimentos anarquistas e progressivos de então, já observada por vários estudos (Pelletier, 2013).

- 17 Fabbri fica em contacto com a família de Reclus após a morte dele, acompanhando a publicação das correspondências reclusianas por Louise Dumesnil-Reclus e por próximos do geógrafo como o anarquista e historiador belga Jacques Mesnil.⁵ Também o outro celebre geógrafo anarquista, Pëtr Kropotkin, escreve para Fabbri para felicitá-lo da publicação de *Il Pensiero*.⁶
- 18 Após o fim das publicações de *Il Pensiero* e a experiência traumática da Primeira Guerra Mundial que interrompe as publicações do movimento, Fabbri continua a publicar obras de Reclus, editando em 1921 a versão italiana das *Palavras de um Rebelde* de Kropotkin com introdução e notas de Reclus (Kropotkin, 1921) e publicando em 1925, na revista *Pensiero e Volontà* dirigida por Malatesta, comentários sobre as correspondências de Reclus e sobre seu escrito juvenil *O desenvolvimento da liberdade no mundo* (1851) onde o geógrafo francês fala pela primeira vez da anarquia como da “mais alta expressão da ordem” (Fabbri, 1925).
- 19 Fabbri corresponde também com Joseph Ishill, o editor da primeira grande obra coletiva em inglês sobre Reclus (Ishill, 1927), que propõe colaboração para Fabbri: “acho necessário reforçar a literatura anarquista pelas ideias d'Elisée Reclus através de um livre compreensivo e compacto. Se você quiser, me envie por favor um artigo sobre esse apostolo da liberdade, nosso amigo Reclus”.⁷ Não temos fontes escritas sobre as razões de Fabbri desistir desse trabalho, mas parece claro que as dificuldades devidas à repressão fascista naqueles anos na Itália, e o sucessivo exílio de Fabbri na França, explicam a diminuição do trabalho dele sobre publicações teóricas, já que as necessidades práticas tornaram-se prioritárias (Manfredonia, 1994).
- 20 Do outro lado, algo acontece na casa de Fabbri respeito a Reclus: a filha Luce, enquanto os pais dela partem para o exílio, fica na Itália para terminar seus estudos universitários, e decide de consagrar a sua tese à geografia de Reclus. Na biografia de Luigi, que Luce escreveu muitos anos atrás, as leituras de Reclus são apresentadas como uma atividade comum do pai e da filha. “Durante vários meses, a correspondência de Reclus ficou nas mesas de trabalho de meu pai e de mim. Aquela leitura me entusiasmou de tal maneira que decidi de fazer minha tese sobre a obra geográfica de Reclus” (Fabbri, 1996, p. 151).
- 21 Nessa passagem entre gerações, foi decisivo um outro dos correspondentes e amigos de Luigi Fabbri: Max Nettlau (1865-1944), o primeiro grande historiador do anarquismo, que nos mesmos anos estava preparando a sua grande biografia de Reclus (1928) e que Luigi Fabbri solicitava desde os tempos de *Il Pensiero* como assessor sobre a história do movimento e outro. Desde aquele momento, Nettlau forneceu para Fabbri, durante muitos anos, uma ajuda importante para ter sempre um conhecimento atualizado dos debates internacionais.⁸

A tese de Luce Fabbri

- 22 Desde 1919, a família Fabbri mora na cidade de Bolonha, sede da universidade mais antiga da Itália, onde então Luce passa sua adolescência. Desde agosto 1926, quando ela têm não mais que 18 anos, encontra-se sozinha com a perspectiva de sair também da Itália uma vez terminados os estudos dela. Data do 17 abril 1926 a primeira carta onde Luigi Fabbri pede ajuda a Nettlau para a tese da filha (Fabbri, 2005, p. 132). O mês depois, Fabbri agradece ao historiador austríaco o envio dos primeiros materiais, e acrescenta que Luce “consultará sem duvida seu livro quando será publicado, e isso será também útil para os estudos de alemão dela” (Ibid., p. 135). Essa passagem faz alusão a uma aspeto fundamental das leituras, interpretações e publicações reclusianas da família Fabbri: as línguas. O plurilinguismo caracterizou os setores mais diferentes do anarquismo transnacional, como por exemplo no caso dos italianos emigrados no Cone Sul e no Brasil (Romani, 2002), e caracteriza também os trabalhos de Luce Fabbri. Efetivamente Luce, estudando no mesmo tempo o francês e o alemão, tem acesso a fontes diversificadas, nomeadamente a obra de Reclus e à mais qualificada literatura secundária: Nettlau, também conhecido como “O Heródoto do Anarquismo”, foi o organizador de uma parte dos arquivos da família Reclus e dos fundos atuais do IISH de Amsterdão, e sua monografia reclusiana, logo traduzida para espanhol (Nettlau, 1928-30), é ainda a biografia mais completa e erudita do geógrafo anarquista, mesmo se Luce afirma de não ter tido tempo de receber o livro publicado antes da defesa da tese dela.⁹ Como veremos no próximo capítulo, o fato que Luce, nos anos sucessivos, adota a língua de Cervantes para suas publicações contribuirá à difusão das ideias de Reclus (e dela) na América Latina.
- 23 A dimensão biográfica é muito importante na preparação deste primeiro trabalho científico de Luce, e não é um caso que as fontes principais pela análise destes dois anos de trabalho, além do texto da tese, são suas memórias autobiográficas recolhidas por Margareth Rago (2000a) e as cartas que ela envia para Luigi, então na França. As dimensões científicas e militantes aparecem claramente relacionadas com as dimensões afetivas e íntimas da autora, pois a figura de Reclus, apresentado como o sábio que consagrou sua vida à luta para “a justiça e o amor,”¹⁰ aparece como uma espécie de substituto do pai ausente, enquanto as redes anarquistas de solidariedade constituem para Luce uma família adotiva na espera de reunir-se a sua família de origem fora da Itália fascista.

Fig. 3: Luce Fabbri com Errico Malatesta em 1921

(Rago, 2000a, p. 259)

- 24 Por entanto, a jovem Luce não é nem ingênua nem planamente apologética em relação a um grande nome como Reclus. Primeiramente, as redes militantes proveem para ela uma assessoria não banal, que podemos reconstruir graças às atribuladas modalidades da procura dos materiais de pesquisa testemunhadas pelas correspondências. No exílio francês, Luigi continua frequentando descendentes e próximos do geógrafo anarquista, como o sobrinho dele Paul Reclus (1858-1941), citado entre seus “amigos de Paris” (Fabbri, 2005, p. 172), e uma carta dele ao anarquista suíço Carlo Frigerio é talvez o mais claro exemplo da circulação dos materiais que Luce utilizou. Desde Vincennes, Luigi Fabbri escreve para Frigerio em Genebra pedindo-lhe procurar urgentemente em alguma biblioteca suíça o artigo de Paul Girardin e Jean Brunhes sobre Reclus publicado em 1906 na *Revue de Fribourg* (Brunhes e Girardin, 1906) para ele poder “recopiar e resumir o artigo, e restituir todo o volume da revista. O se a revista está numa biblioteca, demandar a algum amigo de copiar integralmente o texto, e enviar para mim” (Fabbri, 2005, p. 210). Esse texto, desde a Suíça, chega em Bolonha através de Paris, e nos anos recentes chegou nos arquivos de Amsterdão, por volta de Montevideo, uma tradução italiana inédita desse artigo, feita provavelmente por Luce, onde uma nota manuscrita fala de “texto a reenviar para o autor”,¹¹ deixando o intrigante suspeito que mesmo Jean Brunhes (1869-1931) geógrafo francês bastante original e empático com Reclus,¹² então morador de Paris, pudesse ser implicado nessa troca de materiais.
- 25 Na mesma pasta encontramos 25 páginas dactilografadas de cartas (ainda hoje inéditas) de Reclus, principalmente enviadas entre 1877 e 1878 ao internacionalista Rodolphe Kahn, redator da revista *Le Travailleur*, jornal muito importante pela formação das redes de exílio de Reclus na Suíça (Ferretti, 2014a). Já que essas cartas encontram-se em

versão original nos arquivos Reclus que Max Nettlau deixou para o IISH,¹³ é fácil deduzir que elas fizeram parte dos materiais que Nettlau mesmo enviou para Luce desde Viena. A jovem aluna pôde então dispor de fontes excepcionais para seu trabalho de tese, que contrastavam com a pobreza das indicações que ela recebia na sua faculdade por professores medíocres e comprometidos com o fascismo, dos quais Luce queixa-se em suas correspondências com seu pai.

- 26 Um professor do qual ela não escreve o nome, mas que ensinava “*Historia do Risorgimento*”¹⁴ lhe aconselha a leitura dos *Elementos de Sociologia* de Herbert Spencer, “porque eu tivesse uma introdução às ideias políticas de Reclus. Eu ri disso e não acho seguir o conselho”.¹⁵ Aconselhar a uma jovem anarquista a leitura de um liberal para informar-se sobre as ideias de Reclus: quase um insulto! Nessas correspondências entre pai e filha ressalta claramente uma cumplicidade intelectual entre estudiosos que não têm títulos acadêmicos, mas que são no entanto intelectuais refinados e burlam-se da ignorância de alguns acadêmicos, na prossecução da linha dos geógrafos anarquistas que produziam conhecimento através de redes extra-acadêmicas e extra-institucionais (Ferretti, 2014). Um outro exemplo é uma carta onde Luce faz ainda ironia sobre uma necrologia de Reclus escrita por “um geógrafo italiano” (trata-se de Filippo Porena) que perguntava-se se “essas tendências políticas tão ruins do Reclus são fruto de deficiência de cérebro ou de carácter. Consoante o autor (e reconheço tamanha benevolência...) não pode ser deficiência mental, então trata-se de carácter fraco. Ele acaba recontando que Reclus foi presente à destruição da coluna Vendôme!”¹⁶ A ironia, entre correspondentes anarquistas, era implícita, já que tal episódio da história da Comuna de Paris de 1871 aconteceu quando Reclus já ficava desde várias semanas prisioneiro da gente de Versalhes (Lissagaray, 1876).
- 27 Entre as exceções positivas, no mundo acadêmico, Luce cita o geógrafo bolonhês Carlo Errera (1867-1936), que ela admira. “Todas as vezes que falo com ele me entusiasmo. Ele me aconselhou livros para aclimatar-me no âmbito dos estudos geográficos [...]. Falei também com Errera de Metchnikoff: ele respondeu que o argumento dele foi tratado com mais perfeição logo, mas já que o livro tem a prefácio de Reclus, ele escreveu à Sociedade Geográfica [de Roma] para que enviem uma cópia”.¹⁷ Trata-se de *La civilisation et les grands fleuves historiques* (Metchnikoff, 1889), cuja grande importância na elaboração das ideias dos geógrafos anarquistas (Ferretti, 2007 e 2011) é claramente ignorada por Errera; como explico aqui abaixo, o interesse de Luce por figuras como Léon Metchnikoff (1838-1888) demonstra a sua intuição do trabalho dos geógrafos anarquistas como de uma rede, ideia muito avançada em relação à pesquisa das décadas sucessivas. A procura de informações sobre Metchnikoff, autor então completamente esquecido, mobiliza nada menos que o velho Errico Malatesta, que responde para Luigi não saber nada de biográfico sobre Metchnikoff. No entanto, “eu li o livro dele baixo solicitação de Kropotkin, depois o reli uma outra vez e sempre achei interessantíssimo”.¹⁸ Essa citação confirma a importância de Metchnikoff para o trabalho científico de Kropotkin e para as leituras dos militantes anarquistas, já levantada por outros estudos (Ferretti, 2011).
- 28 As difíceis condições materiais da constituição do trabalho de Luce nos permitem de seguir o trânsito de quase cada item presente na bibliografia dela: enquanto Luigi mora perto de Paris, Luce solicita que ele peça novos materiais aos interessados. “Queria que você pedisse a Paul Reclus os materiais dos anais da vida e das obras de Reclus citados naquela carta que me escreveu Nettlau”.¹⁹ Trata-se provavelmente da obra organizada

por Ishill (1927) que Luce confunde num primeiro momento com um artigo de Patrick Geddes publicado no *Scottish Geographical Magazine* (Geddes, 1905). Ela interessa-se também às palestras ministradas por Reclus na *Université Nouvelle* de Bruxelas.²⁰

- 29 A tese de Luce trata na primeira parte da biografia de Reclus, e na segunda a autora faz uma tentativa de inserção das ideias dele no pensamento geográfico daquela época, defendendo que “o homem, o pensador, o geógrafo, o artista da palavra constituem em Reclus uma unidade tão inseparável que cada aspeto não pode-se compreender sem os outros.”²¹
- 30 Na primeira parte a autora presta grande atenção à formação juvenil de Reclus e a suas primeiras aventuras, como demonstra a sua citação de uma viagem que os irmãos Elie e Elisée Reclus fizeram quando tiveram mais o menos a mesma idade que Luce então, e que “nos fornece a mesura da despreocupação juvenil deles: um dia partiram caminhando para ir ver o Mediterrâneo [...]. Essa fuga até o mar e a liberdade não foi perdoada pelo reitor da Faculdade”.²² Fica clara a forte empatia de Luce por seu autor, e algo como uma identificação nele: essa fascinação que o personagem Reclus exerceu amiúde sobre seus estudiosos tem sido recentemente levantada pelo historiador Christophe Brun (Brun, 2014).
- 31 Entre os efeitos da circulação e do lugar, destacamos o interesse de Luce para a relação entre Reclus e o *Risorgimento* italiano (XIX séc.), movimento que viu uma forte mobilização de geógrafos para a causa da libertação nacional, participada também por anarquistas e socialistas (Ferretti, 2014c). Reclus visitou a Itália nos anos da unificação, e Luce levanta a importância das cartas onde o geógrafo “fala com entusiasmo desse movimento de todo um povo para sua libertação”.²³
- 32 Luce analisa o papel de Reclus, junto com personagens como Mikhail Bakunin, na construção do movimento anarquista internacional, e sobretudo intui a importância das redes anarquistas na construção da *Nova Geografia Universal*, que foi depois ignorada por comentadores mais recentes de Reclus, como Yves Lacoste e Béatrice Giblin, que ao contrário da jovem Luce ignoravam a história e os conceitos do anarquismo (Ferretti, 2014a; Pelletier, 2009). Luce cita particularmente, além de Kropotkin e Metchnikoff, o papel de Charles Perron (1837-1909), cartógrafo da NGU (Ferretti, 2014b), e de Gustave Lefrançais (1926-1901), “que participou à Comuna e que foi autor de um livro de memórias muito importante para o conhecimento da vida francesa baixo o segundo Império”.²⁴
- 33 Existe um esforço de crítica e de interpretação pessoal, como no caso das considerações de Luce sobre as críticas reclusianas dos mapas bidimensionais. Se esse aspeto da geografia de Reclus ficou desconsiderado pela maioria dos autores até tempos recentes, Luce não somente demonstra consciência desse rumo, mas elabora a sua própria crítica. Observando que por Reclus “os mapas, no esforço de estirar uma superfície curva sobre um plano, determinaram a realidade de maneira de falsificá-la não somente para o público, mas também para os especialistas”,²⁵ Luce Fabbri acredita no entanto que algumas das críticas de Reclus aos mapas bidimensionais fossem “exagerações”,²⁶ considerando os mapas como instrumentos úteis sob certas circunstâncias.
- 34 Na segunda parte da tese, dedicada a Reclus como geógrafo, aparece evidente a importância do contacto de Luce com Nettlau e com as fontes alemãs. Ao contrário de várias leituras francófonas das décadas sucessivas, Luce tem clara a importância fundamental de Carl Ritter (1779-1859) na construção teórica da geografia reclusiana. Já em 1927 ela escrevia para Luigi da maravilha que lhe suscitou a descoberta de Ritter.

“Terei que ocupar-me muitíssimo de Ritter porque ele tem uma importância enorme, superior à aquela de Reclus, no âmbito do pensamento geográfico.”²⁷ Luce começa perguntando-se quais são as bases teóricas da geografia de Reclus, achando que, se ele não escreveu grandes tratados de doutrina geográfica, “isso não significa que ele não lidou com esses problemas.”²⁸ Como primeira resposta, ela destaca a grande importância teórica e metodológica, para Reclus, do trabalho de Ritter, ao qual ela dedica uma dúzia de páginas, eis uma parte importante da tese. Para defender a coerência da passagem genealógica entre Ritter e Reclus, Luce destaca as ligações de Ritter com o iluminismo, particularmente com autores como Rousseau e Pestalozzi, que foram referências importantes também para Reclus, sobretudo Pestalozzi. Ela fica também intrigada pela redescoberta ritteriana de Estrabão e da teoria das articulações litorais, objeto de pesquisas recentes (Brun, 2012), observando o trânsito dessa teoria entre Ritter e Reclus e fazendo aqui também críticas pessoais de uma excessiva generalização de tal conceito. “Por exemplo, a celebre correspondência entre a forma exterior da Itália e a da Coreia, que cita-se amiúde [...], baseia-se toda sobre um olhar superficial a um mapa, que está bem longe de ter uma base real.”²⁹

- 35 Como dizíamos, o lugar da escritura desse trabalho, nomeadamente a Universidade de Bolonha dos anos Vinte, condiciona seus conteúdos: um dos exemplos disso é a desproporção entre os geógrafos alemães e os representantes da geografia humana francesa nas referências bibliográficas do trabalho de Luce. Isso é devido essencialmente à maior popularidade da geografia alemã, e particularmente de Friedrich Ratzel, na academia italiana daquela época (Proto, 2014). Luce dispõe, na biblioteca do instituto de geografia da Universidade de Bologna, de muitos livros de autores alemães, incluindo várias traduções italianas de Ratzel, enquanto geógrafos como Vidal de la Blache e seus discípulos nunca foram traduzidos e suas edições originais eram mais raras, nas bibliotecas de Bolonha, que as edições alemãs. Então os livros de Ratzel são muito citados, na tese de Luce, como obras de referência sobre Ritter e as questões teóricas da geografia.
- 36 Um outro efeito do lugar, eis da desconsideração geral da geografia de Vidal de la Blache na Itália daquela época, é a referência a Jean Brunhes como representante maior da “Géographie humaine”.³⁰ Esse efeito do lugar não é tampouco politicamente neutro, já que Brunhes fazia uma “geografia social” bastante original em relação aos outros geógrafos franceses (Robic, 1988) e já levantei a relativa empatia dele com Reclus.
- 37 Luce destaca também, na obra de Reclus, o que hoje consideram-se os “cruzamentos e fertilizações” entre história e geografia (Verdier, 2009), e a genealogia deles, de um lado com Ritter e Ratzel, do outro lado na história intelectual francesa. Importante é aqui a comparação entre Reclus e Jules Michelet (1798-1876), historiador que acordava aos fatores geográficos “o máximo do valor”,³¹ enquanto “a última obra de Reclus, de geografia histórica ou mesmo de história pautada na geografia, intitula-se *L'Homme et la Terre*”.³² A reconstrução das relações entre geografia e história na França é feita consoante o trabalho de Lucien Febvre, *La Terre et l'évolution humaine* (1922), muito considerado por Luce. Podemos considerar essa última referência como um capítulo sucessivo do diálogo a distância que Reclus e Febvre tiveram segundo pesquisas recentes (Ferretti, 2015).
- 38 A conclusão de Luce Fabbri sobre a genealogia da geografia de Reclus é que o geógrafo anarquista acrescentou aos princípios de Ritter dois elementos fundamentais: o evolucionismo e o anarquismo, que lhe permitem de tomar suas distâncias desde a

originária inspiração cristã de Ritter. “Então Reclus não é discípulo de Ritter no sentido estreito, mas pode-se dizer que ele foi o verdadeiro aluno e continuador dele, porque critica e supera seu mestre”.³³

- 39 O que Luce destaca em suas conclusões é o valor humanista e solidário da geografia de Reclus: ela insiste muito na ideia de amor, palavra repetida várias vezes na tese dela, como aliás na propaganda dos anarquistas malatestianos. As ideias anarquistas e anticolonialistas de Reclus são apresentadas por Luce sob o ângulo desses sentimentos elevados, e cabe destacar que em 1928, na Itália, toda publicação anarquista e socialista já estava proibida após as “leis fascistíssimas” de 1926-27 (Di Lembo, 2001). “Em todo escrito de Reclus vibra uma simpatia para os povos oprimidos, para os negros escravos, para os ameríndios destruídos pela barbárie branca sob o nome de civilização, para os migrantes chineses explorados. Esse sentimento de amor, amor verdadeiro e profundo, e não exibitório, que caracteriza cada página de Reclus, é talvez o carácter saliente que distingue a obra dele do demais das obras científicas.”³⁴
- 40 Finalmente, “o ardor e o entusiasmo nunca faltam na obra de Reclus, pois o estudo e a obra científica eram suas principais armas de batalha [...]. Cada progresso no âmbito do saber lhe parecia aproximar a humanidade do suspirado reino da justiça e do amor. Na sua obra ele queria não somente fazer conhecer, mas também fazer amar, a terra e os povos todos [para] difundir aquele sentimento de amor para nossos semelhantes que é a condição indispensável para um verdadeiro progresso até o ideal de justiça social que foi o objetivo da sua vida”.³⁵
- 41 Rodolfo Mondolfo (1877-1976), filósofo antifascista, é o único professor que aceita de orientar Luce; ele também vai partir logo depois da Itália para exilar-se na Argentina, onde encontrará muito anos depois sua antiga aluna. Mondolfo era originário de Senigallia, na mesma região da família Fabbri, era amigo de Luigi como testemunham algumas cartas dele,³⁶ e conhecia a difícil situação de Luce naquele momento. A aluna reconta ironicamente de momentos de cumplicidade entre Mondolfo e os poucos estudantes antifascistas, sempre implícita para não expor-se à repressão, que era então muito violenta na Itália (Rossi, 2011). “Nos dava aulas em que lia, por exemplo, me recordo uma vez, umas páginas sobre a liberdade em Espinosa que nos tiravam lágrimas. Os fascistas não se davam conta, por sorte, e isso criava uma comunicação tácita entre professores e alunos” (Rago, 2000a, p. 71).
- 42 A escolha da tese é então claramente um fato político, por Luce uma protestação contra a obrigação de “passar muitos de meus anos melhores num meio onde não se respira, onde apercebo todas minhas capacidades intelectuais e toda minha força de entusiasmo atrofiar-se pela falta de um objeto onde empregar-se”.³⁷ Como confirma anos depois falando com Margareth Rago, “escolhi-o também porque estava sob o fascismo e o desejo de colocar algo” (Rago, 2000a, p. 72). No relato autobiográfico dela destacam-se no mesmo tempo os aspectos dramáticos da defesa da tese perante uma banca hostil, e o ridículo do poder acadêmico aliado com o fascismo. Luce defende num clima muito tenso, e depois “Mondolfo me contou que quando fecharam a porta para discutir, houve unanimidade dos professores, menos o decano: era dez com louvor e o decano disse: ‘ah, não, com louvor não: essa senhorita é comunista...’ e depois queria dar o louvor a um estudante muito mais fraco, mas fascista. ‘Não me deram o louvor, porque não era fascista. Eu não me importei, queria passar’. Na verdade, o decano se enfurece muito com ela, pois no início da cerimônia, quando todos deveriam saudar o regime fascista por três vezes, esticando o braço em forma de saudação romana, a jovem anarquista faz

apenas um breve movimento da cabeça. Expunha claramente sua rejeição ao regime, o que levava o decano a identificá-la como 'comunista', ao passo que os colegas antifascistas reconheciam uma nova aliada” (Ibid., p. 75).

- 43 Essa anedota da “senhorita comunista” é recontada com orgulho e ironia numa carta de Fabbri para Nettlau, onde conta-se também que essa senhorita, “antes de sair da Itália, viajou para Roma e pude ver Malatesta às escondidas por algum momento” (Fabbri, 2005, p. 231). Malatesta ficava então, a setenta-cinco anos, baixo estreito controle da polícia fascista e não podia nem viajar nem ver outros perseguidos políticos (Berti, 2003).
- 44 Mas não trata-se só de impulsos juvenis: Luce, conscientemente ou não, elabora uma estratégia refinada para colocar assuntos políticos numa situação de censura e de repressão. Trata-se do mesmo rumo que Franco Farinelli considera ser uma interpretação da geografia como “estratégia política implícita” (Farinelli, 1992, p. 100) desde o exemplo da controversa entre os geógrafos de estado e os geógrafos da região natural, e da “geografia pura”, entre os séculos XVIII e XIX (Minca, 2007). Recentes estudos sobre Reclus demonstraram que ele mesmo, em presença de repressão política e de dificuldades editoriais, apresentava sua geografia como “pura ciência” e não como propaganda política, considerando a geografia e a ciência como já nelas mesmas uma operação política (Ferretti, 2012 e 2014a), no âmbito do que os geógrafos contemporâneos chamam “guerras culturais”, que são então “guerras como todas as outras” (Mitchell, 2000, p. 14).
- 45 Luce Fabbri, então, é reclusiana não só nos conteúdos científicos, mas também nos métodos militantes, que preveem a possibilidade de utilizar a geografia para fazer circular assuntos políticos radicais mesmo em presença de impedimentos políticos. Como observa M. Rago, na tese de Luce “fica clara a intenção política de trabalhar um autor anarquista. Certamente foi uma maneira bastante estratégica, já que a geografia aparecia como uma ciência menos politizada e comprometedora. Nesse sentido, [Luce] aproveita do estudo de Reclus para difundir suas posições libertárias, num momento de fortíssima censura política” (Rago, 2000a, p. 74).

Geografia, viagens e anarquismo transnacional

- 46 Após a tese, são ainda as redes internacionais anarquistas que ajudam Luce a expatriar-se clandestinamente para ir ter com seus pais na França. Passada com um nome falso a fronteira suíça, ela viaja para Genebra, onde o famoso anarquista Luigi Bertoni (1872-1947), editor do jornal bilingue *Il Risveglio/ Le Réveil*, a ajuda a atingir Paris. A família Fabbri, junto com outros antifascistas italianos como Camillo Berneri, “o anarquista mais expulsado da Europa” (Emiliani, 1973), é continuamente exposta às expulsões decretadas pelos vários governos europeus sob as pressões da Itália de Mussolini. Luigi é expulsado da França em dezembro 1928 a toda a família, após alguns meses na Bélgica, parte em abril 1929 para Uruguai, onde a tolerância parece ser maior. Cidades como Buenos Aires, Montevideu e São Paulo são antigas metas da emigração italiana, na qual o papel jogado por figuras de anarquistas transnacionais foi importante; aqui existia desde algumas décadas uma pensa cultural e militante em língua italiana (Romani, 2002).
- 47 No entanto, Luce aprende cedo a falar e escrever perfeitamente em espanhol. Pois 1930 é o ano do centenário do nascimento de Reclus, que é já um autor muito popular para

os anarquistas de língua espanhola, Luce publica uma série de artigos sobre a vida e a geografia dele na prensa uruguaia e argentina, tirados de sua tese. Trata-se no mesmo tempo de revistas anarquistas, como *La Protesta* de Buenos Aires, e de jornais menos conotados ideologicamente, como *La Capital* de Rosario (Argentina) e *El Imparcial* de Montevideu (Rago, 2000b). No mesmo tempo, ela publica alguns extratos do texto italiano da tese no primeiro numero da revista que ela funda em Montevideu junto com Luigi, *Studi Sociali*, então a mais importante revista anarquista de língua italiana na América Latina, referencia por todo o ambiente dos exilados antifascistas. Esses artigos são louvados, a dez mil quilómetros de distância, pelo velho Malatesta, que escreve para Luigi: “faça meus parabéns para Luce Fabbri e “Luisa Ferrari” [um dos pseudónimos dela] pelos artigos sobre Reclus”.³⁸

- 48 Se de um lado Luce afasta-se da geografia como disciplina, pois no Uruguai se estabelece como professora de literatura italiana na Universidade de Montevideu, do outro lado sua implicação científica e política com temas reclusianos permanece significativa e contribui a explicar a especificidade da troca cultural que analisa-se aqui. Após a morte do pai em 1935, Luce fica uma das maiores figuras intelectuais do anarquismo mundial e sua influência é importante em diferentes sentidos. Se nos “mundos ibéricos” Reclus é muito conhecido e traduzido, a maioria das publicações sobre ele chegam de Espanha e Portugal e não de América Latina: Luce contribui a reforçar a atenção sobre o geógrafo e a preencher a maior falha bibliográfica, encarregando-se de organizar uma tradução espanhola da correspondência de Reclus, a obra que ela tão amou, para um editor de Buenos Aires. A escolha de publicar Reclus em espanhol marca uma passagem clara em relação aos publicações em italiano destinadas à circulação internacional entre os militantes que falavam aquele idioma: aqui a circulação potencial concerne todo o publico popular do continente latino-americano.
- 49 Esse livro (Reclus 1943) saiu sem a prefácio que Luce tinha preparado. Se ignoramos por quais razões esse escrito não foi publicado quando a obra pareceu (mesmo se uma parte dele já foi publicada em 1936 na revista argentina *Nervio*), temos em troca o manuscrito integral, sempre conservado em Amesterdão: esse texto nos fornece chaves para interpretar a continuidade das ideias reclusianas na trajetória de Luce, também sendo escrito nos anos Quarenta, então na época da completa maturidade política e intelectual de Luce. Primeiro, encontramos aqui uma comparação entre Reclus e a outra paixão intelectual dela, o poeta italiano Giacomo Leopardi (1798-1837) do qual ela será uma das especialistas principais como historiadora da literatura (Fabbri, 1971). “E’ bom, mesmo necessário, que perante o pessimismo total de um Leopardi, que considerava a natureza como uma madrasta cruel e indiferente e os homens como escravos impotentes, brinquedos de um destino cego, e o sofrimento como lei suprema da vida e do Cosmos, temos o otimismo sano e sem ilusões de um Reclus, que na imensidade do planeta vê reduzidas a suas justas proporções as rivalidades e as misérias da formiga humana, e vislumbra para ela inesgotáveis possibilidades de vida digna e livre”.³⁹
- 50 Aqui me parece estar um ponto decisivo da passagem das ideias reclusianas pela Itália e do transito delas na América Latina. A família Fabbri é originaria de Fabriano, não longe de Recanati, cidade de Leopardi, que foi intelectual incontornável na formação da filosofia italiana do século XIX e uma referencia de toda a cultura humanista italiana, sobretudo da esquerda e dos meios ligados ao *Risorgimento*, sendo ele republicano e ateo. A síntese entre o pessimismo cósmico de Leopardi e o otimismo evolucionista de

Reclus (e de Kropotkin) corresponde à passagem entre uma perspectiva política influenciada pela filosofia da natureza a uma perspectiva que inclui a natureza no âmbito da abordagem humanista e voluntarista do anarquismo de Errico Malatesta.

- 51 Um outro ponto desse texto inédito concerne o lado feminista de Luce, aliás bem destacado por M. Rago. Se já sabia-se que Reclus participou das primeiras associações para a emancipação feminina e que era muito empático com as feministas da sua época (Ferretti, 2010), Luce individua em Reclus um assunto fundamental do feminismo dela: a coerência entre as ideias de alguém e sua vida pessoal, que inspira a Luce uma seleção e cartas que ela queria intitular “Elisée Reclus íntimo”, para compenetrar a personalidade dele até ver “quanto o homem e o libertário conjugavam-se em ele até formar uma harmoniosa unidade moral”.⁴⁰ Essas páginas confirmam uma vez mais quanto íntima era também a relação de Luce com Reclus, já que “durante dois anos de solidão dolorosa num meio de submissão e de servilismo, Reclus foi para mim a luz que conduz e o ar puro que desintoxica”.⁴¹
- 52 Após esse momento, Luce continua citando Reclus, mas não lhe dedica mais trabalhos específicos. Por entanto, acho claro que as ideias de Reclus continuam a desenvolver-se através do trabalho dela sob novas formas. Na época de Reclus, a ciência era considerada como algo 'neutral', enquanto na época de Luce Fabbri o intelectual tem que declarar-se e pegar todas suas responsabilidades sociais. Luce continua militando no campo antifascista e continua o trabalho do pai dela na construção de uma definição moderna do comunismo anarquista como alternativa concreta ao fascismo, ao Estalinismo e ao liberalismo (Fabbri, 1998). Como ela reconta a M. Rago, a mesma luta continuará durante a ditadura uruguaia de 1973-1985. Outros pontos comuns com os rumos reclusianos são para Luce a centralidade do tema da educação, a questão da descentralização e o enfoque na relação entre sociedade e natureza na crítica que ela faz ao desenvolvimento sustentável (Rago, 2000a, p. 318-340).
- 53 As memórias orais de Luce testemunham também suas viagens no Brasil desde os anos Quarenta até os anos Noventa, legitimando a hipótese que também na área lusófona suas influências sobre o movimento libertário não foram negligenciáveis. A primeira vez foi em 1946 quando, convidada pelo movimento “Juventude Anarquista Brasileira”, Luce conhece o importante militante libertário brasileiro Edgardo Leuenroth (Rago, 2000a, p. 206). No Brasil, consoante Rago, “a antiga estudiosa de Reclus fascina-se diante da natureza tropical” (Ibid., p. 206). Um outro encontro fundamental foi claramente com Margareth Rago mesma, em 1992 num colóquio em São Paulo, nos efervescentes meios libertários do Brasil pós-ditadura: um encontro que permitiu de recolher as memórias biográficas de Luce antes que fosse demasiado tarde. Ela morreu no ano 2000, à idade de 92 anos.

Conclusão

- 54 Estamos perante um exemplo de circulação dos saberes, de tradução e troca cultural que envolve não somente o pensamento geográfico, mas também a ligação entre geografia, crítica social, movimentos políticos progressistas e defesa da liberdade científica e civil. Esta pesquisa confirma a importância das redes, das circulações e dos lugares na produção do conhecimento geográfico. Me refiro principalmente às redes militantes anarquistas que permitiram o acesso as fontes reclusianas para Luigi (intelectual e militante fora da academia) e Luce (então aluna marginalizada)

confirmando o paralelo entre a dimensão científica e a dimensão militante na produção dos geógrafos anarquistas e o papel jogado pelo anarquismo militante na elaboração das geografias sociais deles. Destaca-se igualmente a importância dos percursos biográficos (e geográficos) dos científicos, nomeadamente “a dobre importância da geografia para a biografia e da geografia da biografia para estabelecer o lugar da biografia na geografia” (Withers, 2007, p. 69).

- 55 O mais importante efeito da lugar e da circulação nas leituras reclusianas dos Fabbri na Itália aparece então a passagem entre o naturalismo da tradição alemã da *Naturphilosophie* e o humanismo voluntarista da tradição cultural italiana, passagem que caracteriza no mesmo tempo uma geração militante. Luce declara todo isso quando escreve que: “[A Reclus] pode-se contestar sua tendência, bastante comum na cultura do século passado impregnada de cientismo, de identificar os fenómenos humanos com fenómenos naturais.”⁴²
- 56 Se o lugar Bolonha é fundamental por esse aspeto, podemos dizer que o lugar Montevideu é igualmente importante para a consolidação desse rumo e sua utilização na construção duma dimensão militante e organizativa do anarquismo, considerando também que nos anos Trinta e Quarenta, Luce Fabbri, no que ela mesma chama “O Uruguai feliz” (Rago, 2000a, p. 91), fica ao abrigo das tempestades das guerras e dos totalitarismos que devastam os movimentos anarquistas europeus, e tem tempo para uma análise mais aprofundada das realidades contemporâneas.
- 57 Posso destacar também que essa pesquisa confirma o carácter especialmente transnacional e cosmopolita do movimento anarquista de língua italiana (Turcato, 2007), que no entanto desenvolve esse carácter não por virtude intrínseca mas pelas necessidades do exílio e da resistência as perseguições.
- 58 Como ponto final a levantar, se a literatura mais recente sobre geografia e anarquismo é principalmente anglófona e francófona, estamos perante um exemplo do fato que anarquismo e geografia dialogaram em várias línguas e sob várias modalidades.

BIBLIOGRAFIA

Arquivos:

Amsterdão (Holanda): IISH - International Institute of social History; Archives Luce Fabbri, Luigi Fabbri Papers; Elisée Reclus Papers.

Fontes impressas e datilografadas:

Brunhes, Jean, Girardin, Paul (1906). “La vie et l’œuvre d’Élisée Reclus (1830-1905)”. *Revue de Fribourg*, vol. 37, n. 4, pp. 274-287; n. 5, pp. 355-365.

Fabbri, Luce (1928). *L’opera geografica di Eliseo Reclus*. Tesi di laurea, Regia Università di Bologna, Facoltà di Lettere [dissertação inédita].

Fabbri, Luce (1971). *La poesia di Leopardi*. Montevideo, Istituto Italiano di Cultura in Uruguay.

- Fabbri, Luce (1996). *Luigi Fabbri, storia di un uomo libero*. Pisa, BFS.
- Fabbri, Luce (1998). *La libertad entre la historia e la utopía, tres ensayos y otros textos del siglo XX*. Barcelona, Medusa.
- Fabbri, Luigi (1905). Eliseo Reclus. *Il Pensiero*, 3, 14, pp. 210-214.
- Fabbri, Luigi (1925). “A proposito di uno scritto giovanile di Elisée Reclus”. *Pensiero e volontà*, vol. 2, n. 16, pp. 378-380.
- Fabbri, Luigi (1998). *Influenze borghesi sull'anarchismo*. Milano, Zero in condotta.
- Fabbri, Luigi (2005). *Epistolario ai corrispondenti italiani e esteri (1900-1935)*. Pisa, BFS.
- Geddes, Patrick (1905). “A Great Geographer: Élisée Reclus”. *Scottish Geographical Magazine*, vol. 21, n. 9-10, pp. 490-496, 548-555.
- Ishill, Joseph (org.) (1927). *Elisée and Elie Reclus: in memoriam*. Berkeley Heights (N.J.), Oriole press.
- Kropotkin, Pietro (1921). *Parole di un ribelle* [prefazione di Luigi Fabbri; introduzione e note di E. Reclus]. Milano, Casa editrice sociale.
- Lissagaray, Prosper-Olivier (1876). *Histoire de la commune de 1871*. Bruxelles, Kistémaeckers.
- Metchnikoff, Léon (1889). *La civilisation et les grands fleuves historiques*. Paris, Hachette.
- Nettlau, Max (1928). *Elisée Reclus: anarchist und gelehrter (1830-1905)*. Berlin, Verlag Der Syndikalist.
- Nettlau, Max (1928-1930). *Eliseo Reclus: vida de un sabio justo y rebelde*. Barcelona, Ediciones de la Revista Blanca.
- Reclus, Élisée (1891). *Évolution, révolution et l'idéal anarchique*. Paris, Au bureau de la Révolte.
- Reclus, Élisée (1905). “Nuova proposta di sopprimere l'era cristiana”. *Il Pensiero*, vol. 3, n. 5, pp. 162-163.
- Reclus, Élisée (1907). “A proposito delle polemiche fra compagni”. *Il Pensiero*, vol. 5, n. 12, pp. 181-182.
- Reclus, Élisée (1910). “Rapporto al Congresso internazionale della Federazione del Giura in Friburgo (3-5 agosto 1878)”. *Il Pensiero*, 8, 23, pp. 343-344.
- Reclus, Élisée (1943). *Correspondencia (de 1850-1905)* [selección a cargo de Luce Fabbri]. Buenos Aires, Imán.
- Bibliografia:**
- Anderson, Benedict (2007). *Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. London, Verso.
- Antonioli Maurizio, Berti Giampietro, Fedele Santi, Iuso Pasquale (org.) (2003-2004). *Dizionario Biografico degli Anarchici Italiani*. Pisa, BFS.
- Antonioli Maurizio, Giulianelli Roberto (org.) (2006). *Da Fabriano a Montevideo. Luigi Fabbri: vita e idee di un intellettuale anarchico e antifascista*. Pisa, BFS.
- Bantman Constance, Altena Bert (2015). *Reassessing the Transnational Turn: scales of analysis in anarchist and syndicalist studies*. New York and London, Routledge.
- Berti, Giampietro (2003). *Malatesta, l'uomo e il pensiero*. Milano, Franco Angeli.
- Brun, Christophe (2012). “Configuration géographique ‘européenne’ et dynamique d'innovation : sur l'hypothèse d'un engendrement mutuel depuis Strabon”. In Jullien Vincent, Nicolaidis

- Efthymios, Blay Michel (org.). *Europe et sciences modernes: histoire d'un engendrement mutuel*, Bern, Peter Lang, pp. 309-345.
- Brun, Christophe (2014). "Introduction". In Reclus Élisée. *Les grands textes*. Paris, Flammarion, p. 19-52.
- Casti Emanuela, Mangini Giorgio (org.) (2007). *Una geografia dell'altrove, l'Atlante d'Africa di Arcangelo Ghisleri*. Cremona, Linograf.
- Cerrito, Gino (1977). *Dall'insurrezionalismo alla settimana rossa: per una storia dell'anarchismo in Italia, 1881-1914*. Firenze, CP.
- Di Lembo, Luigi (2001). *Guerra di classe e lotta umana. L'anarchismo in Italia dal biennio rosso alla guerra di Spagna (1919-1939)*. Pisa, BFS.
- Di Paola, Pietro (2013). *The Knights Errant of Anarchy, London and the Italian anarchist diaspora (1880-1917)*. Liverpool, Liverpool University Press.
- Emiliani, Vittorio (1973). "Camillo Berneri: l'anarchico più espulso d'Europa". In Emiliani, Vittorio. *Gli anarchici. Vite di Cafiero, Costa, Malatesta, Cipriani, Gori, Berneri, Borghi*. Milano, Bompiani Editore.
- Farinelli, Franco (1992). *I segni del mondo*. La Nuova Italia, Firenze.
- Ferretti, Federico (2007). *Il mondo senza la mappa: Élisée Reclus e i geografi anarchici*. Milano, Zero in Condotta.
- Ferretti, Federico (2009). "Traduire Reclus : l'Italie écrite par Attilio Brunialti". *Cybergeoe, revue européenne de géographie*, <http://www.cybergeoe.eu/index22544.html>
- Ferretti, Federico (2010). "Intellettuali anarchici nell'Europa del secondo Ottocento : i fratelli Reclus (1862-1872)". *Società e Storia*, n. 127, pp. 63-91.
- Ferretti, Federico (2011). "The correspondence between Élisée Reclus and Pëtr Kropotkin as a source for the history of geography". *Journal of Historical Geography*, vol. 37, n. 2, pp. 216-222.
- Ferretti, Federico (2012). *Élisée Reclus: lettres de prison et d'exil*. Lardy, Éditions A la frontière.
- Ferretti, Federico (2014a). *Élisée Reclus, pour une géographie nouvelle*. Paris, Éditions du CTHS.
- Ferretti, Federico (2014b). "Pioneers in the History of Cartography: the Geneva map collection of Élisée Reclus and Charles Perron". *Journal of Historical Geography*, vol. 43, n. 1, pp. 85-95.
- Ferretti, Federico (2014b). "Inventing Italy. Geography, Risorgimento and national imagination: the international circulation of geographical knowledge in the 19th century". *The Geographical Journal*, vol. 180, n. 4, 2014, pp. 402-413
- Ferretti, Federico (2015). "Anarchism, Geo-History and the origins of the *Annales*: rethinking Élisée Reclus's influence on Lucien Febvre". *Environment and Planning D, Society and Space*, vol. 33, n. 2, p. 347-365.
- Giulianelli, Roberto (2003). "Il giovane Fabbri, 1893-1901". *Rivista storica dell'anarchismo*, vol. 10, n. 2, pp. 21-58.
- Guillaume, James (1905-1910). *L'Internationale, documents et souvenirs (1864-1878)*. Paris, Stock.
- Hirsch Stephen, Van der Walt Lucien (org.) (2010). *Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world, 1870-1940: the praxis of national liberation, internationalism, and social revolution*. Leiden/Boston, Brill.
- Livingstone, David (2003). *Putting science in its place*. Chicago, University of Chicago Press.

Livingstone David, Withers Charles (org.) (2005). *Geography and revolution*. Chicago, University of Chicago Press.

Lopes de Souza, Marcelo (2014). "Towards a libertarian turn? Notes on the past and future of radical urban research and praxis", *City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*, vol. 18, n. 2, pp. 104-118.

Manfredonia, Gaetano (1994). *La lutte humaine, Luigi Fabbri, le mouvement anarchiste italien et la lutte contre le fascisme*. Paris, Éditions du Monde Libertaire.

Mangini, Giorgio (2006). "Libero pensiero, repubblicanesimo, anarchismo. L'incontro Fabbri-Ghisleri". In Antonioli Maurizio, Giulianelli Roberto (org.). *Da Fabriano a Montevideo. Luigi Fabbri: vita e idee di un intellettuale anarchico e antifascista*. Pisa, BFS, pp. 39-76.

Minca Claudio (2007). "Humboldt's Compromise, or the Forgotten Geographies of Landscape". *Progress in Human Geography*, vol. 31, pp. 179-193.

Mitchell, Don, (2000). *Cultural Geography*. London, Blackwell.

Ortalli Massimo, 2006, "Il Pensiero e altre pagine: l'avventura editoriale di Luigi Fabbri". In Antonioli Maurizio, Giulianelli Roberto (org.). *Da Fabriano a Montevideo. Luigi Fabbri: vita e idee di un intellettuale anarchico e antifascista*. Pisa, BFS, pp. 163-180.

Pelletier, Philippe (2009). *Élisée Reclus géographie et anarchie*. Paris, Éditions du Monde Libertaire.

Pelletier, Philippe (2013). *Géographie et anarchie: Reclus, Kropotkine, Metchnikoff et quelques autres*. Paris, Éditions du Monde Libertaire.

Proto, Matteo (2014), "Giovanni and Olinto Marinelli". *Geographers, Biobibliographical Studies*, vol. 33, pp. 69-105.

Rago, Luiza Margareth (2000a). *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, editora UNESP.

Rago, Luiza Margareth (2000b). "Per una bibliografia di Luce Fabbri". *Rivista Storica dell'Anarchismo*, vol. 7, n. 2, pp. 31-22.

Robic, Marie-Claire (1988). "Les petits mondes de l'eau : la fluide et le fixe dans la méthode de Jean Brunhes". *L'Espace Géographique*, n. 1, pp. 31-42.

Romani, Carlo (2002). *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*, São Paulo, Annablume.

Rossi, Marco (2011). *Arditi non gendarmi! Dalle trincee alle barricate: arditismo di guerra e arditi del popolo (1917-1922)*. Pisa, BFS.

Springer Simon, Barker Adam, Brown Gavin, Ince Anthony, Pickerill Jenny (2012). "Reanimating Anarchist Geographies: a new burst of colour". *Antipode*, vol. 44, pp. 1591-1604.

Springer, Simon (2012). "Anarchism! What geography still ought to be". *Antipode*, vol. 44, pp. 1606-1624.

Springer, Simon (2013). "Anarchism and Geography: A Brief Genealogy of Anarchist Geographies". *Geography Compass*, vol. 7, p. 46-60.

Turcato, Davide (2007). "Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885-1915". *International Review of Social History*, vol. 52, pp. 407-444.

Verdier Nicolas (2009). "Les relations entre histoire et géographie en France: tensions, controverses et accalmies". *Storica*, vol. 40, pp. 64-114.

Wagnon, Sylvain (2013). *Francisco Ferrer: une éducation libertaire en héritage*. Lyon, Atelier de création libertaire.

Withers, Charles (2007). "History and philosophy of geography 2004–2005: biographies, practices, sites". *Progress in Human Geography*, vol. 31, n. 1, pp. 67–76.

NOTAS

1. Lembramos que na Itália o doutorado só foi instituído em 1984, então naquela época a dissertação chamada *Tesi di Laurea* era a máxima titulação acadêmica possível, dando direito ao título de *Dottore*.
2. Amsterdam, International Institute of Social History (doravante IISH), Luigi Fabbri Papers, 128, cartas de L. Molinari para L. Fabbri.
3. IISH, Luigi Fabbri Papers, 144, carta de E. Reclus para L. Fabbri, 6 Junho 1904.
4. IISH, Luigi Fabbri Papers, 4, cartas de F. Ferrer para L. Fabbri.
5. IISH, Luigi Fabbri Papers, 4, carta de L. Dumesnil para L. Fabbri, 25 Julho 1911.
6. IISH, Luigi Fabbri Papers, 103, carta de P. Kropotkin para L. Fabbri, 30 Julho 1906.
7. IISH, Luigi Fabbri Papers, 100, carta de J. Ishill para L. Fabbri, 20 Abril 1924.
8. IISH, Luigi Fabbri Papers, 17, 134, 257, cartas de M. Nettlau para L. Fabbri.
9. IISH, Archives Luce Fabbri, 181, notes and clippings.
10. IIHG, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, Bologna, 1928, R. Università di Bologna, Facoltà di lettere, Anno Accademico 1927-28, tesi discussa sotto la direzione del prof. R. Mondolfo [documento dactilografado], p. 99.
11. IISH, Luigi Fabbri Papers, 33, Manuscripts of and on Elisée Reclus.
12. Nos arquivos de Brunhes há notadamente cartas de Reclus onde explicam-se alguns princípios do anarquismo. Agradeço Florence Deprest (Univ. Paris 1) por essa informação.
13. IISH, Élisée Reclus Papers, cartas de E. Reclus para R. Kahn, 1877-1878.
14. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 19 Novembro 1927.
15. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 5 Dezembro 1927.
16. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 27 Novembro 1927.
17. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 19 Novembro 1927.
18. IISH, Luigi Fabbri Papers, 112, carta de E. Malatesta para Luigi Fabbri, 7 Novembro 1927.
19. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 25 Janeiro 1928.
20. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 5 Dezembro 1927.
21. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 2.
22. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 11.
23. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 23.
24. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 23.
25. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 47.
26. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 48.
27. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 5 Dezembro 1927.
28. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 54.
29. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 63.
30. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 72.
31. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 77.
32. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 82.
33. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 83.
34. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 102.
35. IISH, Archives Luce Fabbri, 180, L. Fabbri, *L'opera geografica di Eliseo Reclus*, p. 98-99.

36. IISH, Luigi Fabbri Papers, 130, carta de R. Mondolfo para L. Fabbri, 20 Setembro 1922.
 37. IISH, Luigi Fabbri Papers, 6, carta de Luce Fabbri para Luigi Fabbri, 27 Dezembro 1927.
 38. IISH, Luigi Fabbri Papers, 112, carta de E. Malatesta para Luigi Fabbri, 6 Junho 1930.
 39. IISH, Archives Luce Fabbri, 181, notes and clippings.
 40. IISH, Archives Luce Fabbri, 181, notes and clippings.
 41. IISH, Archives Luce Fabbri, 181, notes and clippings.
 42. IISH, Archives Luce Fabbri, 181, notes and clippings.
-

RESUMOS

Esse artigo trata da receção do pensamento geográfico e político de Elisée Reclus por dois importantes militantes, intelectuais e representantes do “anarquismo transnacional” do século Vinte, pai e filha, Luigi e Luce Fabbri. Baseando-me sobre fontes primárias e arquivos inéditos, analiso aqui, em seus contextos, as traduções, estudos multilíngues e interpretações que eles fizeram de Reclus, antes na Itália e depois no Uruguai, e o papel que esses trabalhos jogaram na circulação internacional e na ré-interpretação das ideias de Reclus e dos geógrafos anarquistas. Esse trabalho pretende ser uma contribuição aos estudos atuais sobre a circulação dos saberes e as geografias históricas da ciência, sobre o *Transnational Turn* das ciências sociais e especialmente sua aplicação à história do anarquismo, e também aos trabalhos recentes sobre as relações históricas e epistemológicas entre geografia e anarquismo.

This paper addresses the reception of Elisée Reclus's geographical and scientific thinking by two important activists, intellectuals and exponents of the 'transnational anarchism' in the 20th century, father and daughter, Luigi and Luce Fabbri. Based on primary sources and unpublished archives, my text analyses in their contexts the translations, multilingual studies and interpretations that they gave on Reclus, firstly in Italy and then in Uruguay, and the role that they played in the international circulation and re-interpretation of Reclus's ideas. This research aims to be a contribution to present studies on the circulation of knowledge and historical geographies of science, on the Transnational Turn of social sciences and mainly its focus on anarchist history, and also to the recent studies on the historical and epistemological relations between geography and anarchism.

Este artículo trata de la recepción del pensamiento geográfico y político de Elisée Reclus por dos importantes militantes, intelectuales y representantes del anarquismo transnacional del siglo Veinte, padre e hija, Luigi y Luce Fabbri. Basándome sobre fuentes primaria y archivos inéditos, analizo en los contextos respectivos las traducciones, estudios multilingües e interpretaciones que ellos hicieron de Reclus, antes en la Italia y después en el Uruguay, y el papel que estos trabajos jugaron en la circulación internacional y en la re-interpretación de las ideas de Reclus y de los geógrafos anarquistas. Este estudio pretende ser una contribución a los trabajos actuales sobre la circulación de los saberes geográficos y las geografías históricas de la ciencia, sobre el *Transnational Turn* de las ciencias sociales y particularmente sobre su aplicación a la historia del anarquismo, y también a los estudios sobre las relaciones históricas y epistemológicas entre geografía y anarquismo.

Cet article aborde la réception de la pensée scientifique et politique d'Élisée Reclus par deux importants militants, intellectuels et représentants de l'anarchisme transnational du 20^e siècle,

père et fille, Luigi et Luce Fabbri. En m'appuyant sur de sources primaires et sur des archives inédits j'analyse, dans leurs contextes respectifs, les traductions, les études multilingues et les interprétations qu'ils ont données de Reclus, en Italie d'abord et en Uruguay ensuite. Je questionne ensuite le rôle que ces réinterprétations ont joué dans la circulation internationale et la différente réception des idées de Reclus et des géographes anarchistes. Cette étude vise à être une contribution aux études récentes sur les circulations de la connaissance et les géographies historiques du savoir, sur le *Transnational Turn* et particulièrement sur ses applications à l'histoire de l'anarchisme, et finalement aux études récentes sur les relations historiques et épistémologiques entre géographie et anarchisme.

ÍNDICE

Keywords: Luce Fabbri, Luigi Fabbri, Elisée Reclus, circulation of geographical knowledge, historical geographies of science, transnational anarchism

Índice cronológico: 1903-2000

Palabras claves: Luce Fabbri, Luigi Fabbri, Elisée Reclus, circulación de los saberes geográficos, geografías históricas de la ciencia, anarquismo transnacional

Palavras-chave: Luce Fabbri, Luigi Fabbri, Elisée Reclus, circulação dos saberes geográficos, geografias históricas da ciência, anarquismo transnacional

Mots-clés: Luce Fabbri, Luigi Fabbri, Elisée Reclus, circulation des savoirs géographiques, géographies historiques de la science, anarchisme transnational

Índice geográfico: Itália, América do Sul

AUTOR

FEDERICO FERRETTI

Université de Genève, Département de Géographie et Environnement

federico.ferretti@unige.ch